

Revisitar Marcelino de Araújo

Eduardo Pires de OLIVEIRA

Por mais paradoxal que possa parecer, a vida e obra desse extraordinário escultor e imaginário setecentista bracarense que foi Marceliano de Araújo está ainda com imensas lacunas por resolver. Aliás, e queremos desde já deixar aqui referido, estamos longe de concordar com as conclusões a que chegou o notável historiador Robert Smith no livro que lhe dedicou, embora não possa deixar de reconhecer que aquele livro foi muitíssimo importante para a época em que foi escrito.

Isto não impede, porém, que não tenha uma série de análises absolutamente extraordinárias, nomeadamente na comparação entre os mais variados retábulos e outras obras de arte que documentadamente, ou por análise formal, são atribuídas aquele mestre. E deverá ainda ser dito que sem ele teria sido agora bem mais difícil analisar a obra deste mestre.

Há, porém, alguns pontos fulcrais que têm de ser perscrutados com uma atenção que obriga a reflexões contínuas. E a questão mais importante, fundamental, é a seguinte:

Marceliano de Araújo foi apenas um executor ou também foi autor de riscos, seja de obras que ele próprio executou, seja de trabalhos que vieram a ser passados para a pedra, papel ou madeira por outros?

A resposta que de imediato damos só pode ser uma: nada conhecemos que nos permita dizer com a mínima segurança que Marceliano de Araújo se aventurou a projectar imagens, retábulos, púlpitos, fontes ou, noutras áreas, portadas de livros e desenhos que viriam a servir para a abertura de gravuras.

Que obras é que, segundo Smith, saíram seguramente das mãos de Marceliano? Vejamos cronologicamente:

- Os relevos dos espaldares do cadeiral do coro da Igreja do Convento da Vitória, no Porto (1716-1719) ¹
- O triplo retábulo que ocupa toda a cabeceira da Igreja da Misericórdia (1736-1739) ²
- As caixas dos órgãos da Catedral de Braga (1737-1740) ³ e
- Parte do retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres, na Igreja de Santiago, que foi dos jesuítas bracarenses (1751?) ⁴

Além disso, atribuiu-lhe mais as seguintes obras

- O púlpito da capela do antigo Convento do Salvador (1720-1730) ⁵
- O púlpito da capela da Penha (c^a de 1740) ⁶

¹ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, Porto, Nelita editora, 1970, pp. 17-21

² SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 23-38

³ DODERER, Gerhard – *Os Órgãos da Sé Catedral de Braga = The Organs of Braga Cathedral*. [Lisboa], [s.n.], 1992. SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 39-48.

⁴ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 49-52.

⁵ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, p. 59.

⁶ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, p. 57-61

- O chafariz do Pelicano (1745-1750)⁷
- O retábulo de Santo António, na Igreja dos Congregados⁸
- Os retábulos de N^a S^a da Conceição e de N^a S^a das Dores, na Igreja do Pópulo⁹
- O grupo escultórico e talha na Capela das Almas, em Aveleda¹⁰
- A portada e a página de rosto dos *Estatutos* da Confraria de São Tiago (Arquivo da Igreja de Santa Cruz), 1739¹¹
- O desenho para uma gravura representando a Sé de Braga, 1741¹²

Após a saída daquele livro, em 1970, nenhum outro estudo específico foi escrito sobre a obra de Marceliano de Araújo. Contudo, em breves referências que incluímos em dois trabalhos nossos, demos a conhecer que em 1738 fez várias imagens que seguiram para S. José do Rio das Mortes (actual cidade de Tiradentes, Minas Gerais)¹³ e que hoje se encontram perdidas; e que saiu das suas mãos o retábulo da Confraria de São João Batista, na Igreja de São João de Souto (1745)¹⁴.

Se tivermos o cuidado de reler com cuidado toda a documentação já conhecida, veremos que em nenhum momento se encontram referências a projectos, ou esboços que se possa dizer com segurança que são da autoria de Marceliano de Araújo. E, o que é pior, é que não há nada que nos permita pensar em avançar nesse sentido. Pelo contrário.

Vejamos: é por demais conhecido que foi o Padre Ricardo da Rocha foi o autor de um risco para um coroamento do triplo retábulo da igreja da Misericórdia de Braga, em 1739. Esse risco não viria a ser seguido, tendo-se pouco depois optado por outro. A documentação não nos dá o nome do seu autor. Ora, se já tinha havido obra de qualidade e de agrado geral nos dois contratos anteriores, o do retábulo da parte central e o dos dois colaterais, e se acaso o risco era de Marceliano, por que razão não lhe entregaram mais essa incumbência, tanto mais que era o artista que a iria executar?

E a questão central é que foi a partir desta obra, e também das caixas dos órgãos da Sé, que se construiu todo o conhecimento artístico de Marceliano. Ora, se analisarmos a outra obra documentada, o preterido retábulo da capela do Paço Arquiepiscopal, veremos que, mesmo estando bastante destruído pela intervenção rococó que veio a receber, este retábulo não se compadece com as outras anteriores, embora, naturalmente, haja muitos pormenores decorativos similares. Nada mais natural numa sociedade que não prezava minimamente o direito de autor, como já aliás o demos a conhecer noutro colóquio luso-brasileiro e, precisamente, com uma obra excelentemente entalhada por Marceliano e com imagens de grande qualidade; mas a arquitectura deste retábulo (da Confraria de S. João Baptista, na Igreja de S. João de Souto), desenhado por um mestre pedreiro, António Batalha, é muito pouco interessante.

Em contrapartida, não nos admiraria que pudesse ter alguma intervenção nos retábulos que entalhou, à imagem do que se passou, por exemplo, no retábulo da igreja do

⁷ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, p. 61-62.

⁸ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, p. 51.

⁹ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, p. 37-38.

¹⁰ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 53-56.

¹¹ SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 63-66.

¹² SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo*, pp. 63-66.

¹³ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre os séculos XVII e XVIII no Minho. História e arte*. Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1996, pp. 216-224

¹⁴ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Riscar em Braga no século XVIII e outros ensaios*, Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1996, p. 40.

Convento do Salvador que tendo sido concebido pelo conhecido monge cisterciense Fr. Luís de S. José, o contrato assinado com o entalhador que o tomou, Gabriel Álvares Rodrigues, permitia que este pudesse ter alguma intervenção que o melhorasse ¹⁵.

Olhando para os trabalhos que têm sido atribuídos a Marceliano de Araújo, custa bastante a aceitar que o extraordinário púlpito da Penha tenha sido concebido pelo mesmo mestre que riscou aquele retábulo da antiga igreja dos Jesuítas. Não há dúvida que muitos pormenores decorativos – e não é por eles que poderemos ter a certeza da concepção de uma obra, embora seja mais fácil aceitar que possam servir para saber quem os executou, mas mesmo aí com bastantes dúvidas – são similares, o que também não é de admirar pois era o gosto que então dominava.

Formalmente, aliás, a maior parte da talha desta bela capela está muito próxima das principais obras executadas por Marceliano – até as singulares sanefas com aquele belos meninos pendurados – do que de obras como as dos retábulos de S. João (igreja de S. João de Souto), da Senhora dos Prazeres (igreja de Santiago) – ambas seguramente da sua lavra, repito – ou, sobretudo, da talha da Capela das Almas (Mazagão), que Smith alvitra ser sua.

E o mesmo nos parece no que respeita ao púlpito da Capela do Salvador, cuja génese se conhece bem pois entronca na série dos púlpitos, esses sim similares, do convento beneditino feminino de Barcelos e nos dois da Capela do Espírito Santo, da Irmandade dos Clérigos dos Arcos de Valdevez ¹⁶, entre outros. Se olharmos para as cabecitas que estão nos quatro cantos, quase parecendo modilhões, em lugar de grande destaque, portanto, logo veremos que nada têm a ver com a finura, a doçura e a anatomia das que Marceliano executava. É certo que os tempos eram outros, estava-se ainda a um ou dois lustros do retábulo da Misericórdia, mas não há razão que justifique tão grande diferença estilística. E menos ainda para as que iremos depois ver no púlpito da capela da Penha.

Deixando de lado, por ora, as outras peças de talha que lhe têm sido atribuídas, e passando para a nada provável intervenção sua em obra gráfica, apenas poderemos, embora com extremas dúvidas, continuar a manter em aberto a hipótese da concepção da gravura para o livro *Braga Triunfante*, pois a portada e o rosto dos *Estatutos* da Confraria de S. Tiago (1739) são, documentadamente, da autoria do P. António José de Araújo, da Rua de S. Marcos ¹⁷, que também foi o calígrafo, como aliás se pode ver na portada onde está escrito *Araújo fecit et scripsit*. Mesmo que não tivessem surgido provas documentais, bas-

¹⁵ Já desenvolvemos este problema noutra local. Veja-se o nosso livro *Riscar em Braga no século XVIII e outros ensaios*. Braga, APPACDM Distrital de Braga, pp. 39-40.

¹⁶ SMITH, Robert C. – *A igreja do Espírito Santo, de Arcos de Val de Vez e o seu recheio artístico*. In: OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre os séculos XVII e XVIII no Minho. História e arte*. Braga, APPACDM Distrital de Braga, 1996, pp. 152-154

¹⁷ Sobre a execução deste livro de estatutos encontramos a seguinte documentação:
d com duas campas para a aceitação dos estatutos uma e outra para a eleição nova \$120
d com o borrão que se fez em limpo para os estatutos novos \$720 que se deram ao Reverendo Paulo de Oliveira
d ao P. António José de Araújo da rua de S. Marcos, de escrever os estatutos e das estampas que nele fez e index 9\$600

d de uma mão de papel imperial que se acrescentou aos estatutos para ficar em branco \$360

d da fita para os atar \$100

d com a encadernação ao livreiro \$800

d com a assinatura na Câmara e selo \$130

d com o Procurador da Mitra de duas respostas que deu nos estatutos \$200

d com o registo geral \$15

d com o marroquim para encadernar os estatutos e carneira para a capa deles \$740

Arquivo da Irmandade de Santa Cruz. Livro 73, [despesas relativas ao ano de 1739].

tava comparar as assinaturas deste manuscrito com as que deixou para a posteridade nos vários contratos notariais ou termos de mesa que assinou.

Mas se Marceliano apenas executou todas estas obras, quem é que as terá concebido. É essa uma questão extremamente importante para a arte bracarense, mas que fica sem resposta para já.

Há, porém, ainda outra questão que deverá ser levantada. Se a talha não é da sua autoria, será a escultura?

É verdade que só muito raramente nos aparecem informações a dar indicação de que as imagens teriam de ser feitas conforme um determinado modelo; e menos ainda nos é dado a conhecer o autor desses modelos, o que complica imenso esta questão.

Se olharmos para as imensas peças escultóricas de vulto existentes nos retábulos que executou e nas caixas dos órgãos da Catedral, veremos que há imagens muito diferentes: as figuras simbólicas têm todas um ar extremamente juvenil, de uma enorme frescura, enquanto as outras têm, em geral, traços bastante vincados; há sobretudo um ponto principal – para além de outros – que as aproxima: o pronunciamento da parte inferior do queixo, o que vulgarmente se costuma chamar “queixinho de rabeca” solução, aliás, já utilizada por Frei Cipriano da Cruz¹⁸ e alguns outros escultores em certas imagens. Mas há algumas outras figuras de santos que ostentam o mesmo ar juvenil, como são os casos das imagens de S. Bernardo, que se pode ver no altar de N^a S^a das Dores, ou de S. Nicolau¹⁹ no actual altar da Santíssima Trindade, ambos na igreja do Convento do Pópulo.

Hoje podemos dizer que quer do ponto de vista documental, quer do ponto de vista formal há mais uma série de outras obras que saíram das mãos de Marceliano de Araújo e que ele efectivamente ocupou um lugar importante na hierarquia artística bracarense pois foi por mais do que uma vez chamado para dar parecer sobre obras executadas por outros. É o caso do parecer que lhe foi pedido sobre a dimensão que deveriam ter os nichos que em 1729 foram mandados fazer na fachada da igreja de S. Vítor²⁰, que a alterou bastante, ou a indicação do preço porque se deveria vender o retábulo velho da Igreja de N^a S^a a Branca (1745)²¹. Além disso, foi tesoureiro da Confraria de S. Nicolau Tolentino (Convento do Pópulo) (1729-1730)²² e mesário da Confraria de Santa Maria Madalena da Falperra (1751)²³; estes cargos, porém, só correspondiam a uma real projecção na sociedade quando as confrarias tinham grande relevo, o que não era exactamente o caso destas duas. Mas também não nos devemos esquecer que foi preterido no concurso para a execução de uns anjos lançado pela Confraria de S. Vicente, da igreja do mesmo nome²⁴, para além do enorme vexame que deverá ter sofrido no momento em que foi preterido o retábulo que fizera para a nova capela do Paço Arquiepiscopal.

¹⁸ Robert C. SMITH – *Frei Cipriano da Cruz, Escultor de Tibães*. Porto, Livraria Civilização, 1968.

¹⁹ É bem significativo que esta imagem possa ser formalmente atribuída a Marceliano pois foi tesoureiro desta irmandade em 1728-1730.

²⁰ 1729, 16 de Junho. *Contrato da obra de reedificação dos nichos da frontaria de S. Vítor com Estêvão Moreira e Inácio Matos, mestres pedreiros*. ADB. Tabelião Público de Braga 1^a Série, vol. 118, fls. 29v-31. Veja-se Eduardo Pires de Oliveira – *A Freguesia de S. Vítor, Braga*. Braga, Junta de Freguesia de S. Vítor, 2001, pp. 136-139.

²¹ Arquivo da Igreja de N^a S^a a Branca. Confraria de N^a S^a a Branca. *Termos da Mesa*, 1741-1766, fól. 49v.

²² Arquivo da Capela de S. Miguel o Anjo. Confraria de S. Nicolau (Convento do Pópulo). *Termos mesa e eleições 1630-1744*, fól 54v. Esta eleição teve lugar no dia 22 de Setembro de 1729.

Em 1762, entre as 72 confrarias de Braga, esta estava em 26^o lugar no que dizia respeito aos seus rendimentos: ADB. Colecção Cronológica, doc. 2844. *Mapa das contas das confrarias de Braga*. 1762.

²³ Confraria de Santa Maria Madalena da Falperra. *Termos da Mesa 1746-1768*, fls. 30-30v.

²⁴ Igreja de S. Vicente. Irmandade de S. Vicente. vol. 3342. *Livro 6 dos termos 1748-1765*, fól. 308v.

Há porém, repito, nova documentação que nos permite cobrir algumas das muitas lacunas que se conhecem no percurso artístico de mestre Marceliano. Mas nenhuma, contudo, lhe atribui a paternidade da concepção de qualquer obra, o que não deixa de ser significativo.

Na igreja do extinto Convento dos Remédios, que em 1726-1727 viu a sua talha toda remodelada, trabalhou ao lado de Francisco Machado, Manuel Silva e Bento Ferreira executando capitéis, colunas, cartelas, anjos e uma imagem de Nossa Senhora da Piedade²⁵. Infelizmente todas estas obras estão hoje dispersas por locais desconhecidos pois o convento foi destruído em 1911 e o seu recheio foi em parte enviado para os mais diferentes locais, sendo o restante vendido em hasta pública pela Câmara Municipal de Braga.

Para a igreja do Convento do Pópulo, onde como já vimos foi tesoureiro da confraria de S. Nicolau das Almas, fez em 1730 uma imagem de Nossa Senhora²⁶. A documentação não nos indica a invocação. E esta indicação é importante porque existe nesta igreja uma imagem que nos parece poder ser da sua autoria, de Nossa Senhora da Conceição, existente no altar do mesmo nome, mas do lado do Evangelho; a verdade é que já em meados do século XVIII havia nesta igreja um altar dedicado a Nossa Senhora da Conceição, que se situava do lado do Evangelho.

²⁵ São da lavra de Marceliano de Araújo quase todos os capitéis da obra e uma das colunas, duas colunas grandes e uma cartela de quatro palmos em casa de Marceliano. Todos os bancos aparelhados, excepto os meios, todas as molduras. À volta da frontaria, a primeira aparelhada, a segunda quase em meias canas, os pedestais todos aparelhados excepto os dois das colunas da frontaria. Dois pedestais aparelhados para os colaterais, todos os arcos das portas. Todas as portas da tribuna de talha; todos os pilares dos arcos da tribuna. Todas as peças miúdas da talha do friso, as do banco como cartelas. As duas peças do banco dos pilares, as duas meias canas do banco, toda a madeira serrada. (ADB. Mon. Conv. Mosteiro dos Remédios (Braga). F 417, fol. 197) fol. 199

– despesa de toda a entalha da igreja:

– com os jornais dos entalhadores que fizeram a tribuna e todos os entalhadores da capela-mor desde Julho de 1726 até Novembro de 1727, 825\$330

– com Marceliano de Araújo de quatro colunas e quatro quartelas e sete mais pequenas 96\$000 réis

– com o mesmo de fazer os anjos que estão pela tribuna 48\$000 réis

– com o mesmo do feitiço de N^o S^a da Piedade 15\$600 réis [vendida em 1911 por 30\$000. tinha 1,26]

– com Francisco Machado de fazer os entalhados pelo corpo da igreja 303\$200 réis

– com Manuel da Silva de fazer os púlpitos e os altares colaterais 220\$000 réis

– com Bento Ferreira e mais oficiais que consertaram os púlpitos, de jornais 17\$379

...

fol. 200

– com os anjos de feitiço 76\$800 réis

– com o carroto dos anjos 5\$180 réis

– com a madeira dos altares colaterais e púlpitos e anjos 30\$000 réis

– para a madeira e carros desta madeira 18\$420 réis

– com Manuel Vale com tabuado que por várias vezes comprou para os quadros da igreja 34\$210 réis

ADB. Mon. Conv. Mosteiro dos Remédios (Braga). F 418, fls. 197-200.

²⁶ Lembrança do que despendeu o tesoureiro Marceliano de Araújo que começou a 30 de Novembro de 1729 para o de 30 com as Almas de S. Nicolau Tolentino (Nota – Embora Marceliano fosse o tesoureiro, estas despesas não estão escritas com a sua letra)

Despendi com o feitiço da Senhora para as procissões em madeira 1\$920 que a fiz eu Marceliano de Araújo

Despendi com a pintura o mesmo que o feitiço a Manuel da Cunha da rua de Águas 1\$920 réis.

Arquivo da Capela de S. Miguel o Anjo. Confraria das Almas de S. Nicolau (Convento do Pópulo). Livro de despesa 1654-1683, fol. 34v.

Esta imagem fora mandada fazer por termo da reunião da mesa do dia 1 de Janeiro de 1730: Arquivo da Capela de S. Miguel o Anjo. Confraria das Almas de S. Nicolau (Convento do Pópulo). Termos mesa e eleições 1630-1744, fol. 55v.

O problema é de difícil resolução porque o altar da confraria de S. Nicolau – então o primeiro do lado da Epístola²⁷ – passou nos inícios do século XX para a recém formada Confraria de Nossa Senhora das Dores²⁸. Será que também se perdeu esta escultura? Curiosamente, a imagem do antigo patrono da confraria que existiu neste altar está agora exactamente do outro lado da igreja, no retábulo da Santíssima Trindade, e que originalmente pertencera à confraria dos Santos Passos.

Do ponto de vista formal, há ainda mais algumas imagens que se podem atribuir a Marceliano para além das que existem nos dois retábulos da igreja do Pópulo que Smith lhe atribui. São todas de imagens com um forte aspecto juvenil. Estamos a referir-nos às figuras, em tamanho natural, que delimitam os dois grandes quadros a óleo existentes na capela-mor da igreja do Convento do Carmo e aos dois anjos tocheiros que deverão ter pertencido ao retábulo-mor da Capela da Penha e que agora estão na sala das sessões do Asilo que ocupa o antigo convento do mesmo nome. E é possível, ainda que tenha feito outras imagens para os retábulos do transepto da igreja do Convento do Carmo pois há grande similitude entre as que neles existem e outras atribuíveis a Marceliano, sobretudo entre a de S. Ângelo, do Carmo e a de S. Bernardo, da igreja do Pópulo.

Mesmo com os novos dados que agora trazemos, continuam a haver hiatos enormes no conhecimento da sua actividade artística, sobretudo a partir do início da década de 1740; relembramos que morreu em 1769, ou seja, quase três décadas mais tarde! Terá estado fora de Braga a executar as mais diversas obras? É bem possível que sim, pois nem mesmo os mais eminentes entalhadores e imaginários bracarenses – como José Álvares de Araújo ou Jacinto da Silva – se eximiram de o fazer. O mercado da cidade era grande, mas insuficiente para dar a todos uma ocupação plena. E se nos lembrarmos que nos anos de 1735-1741 aceitou, pelo menos, os imensos encargos dos retábulos da Misericórdia, da caixa dos órgãos da Sé e de umas imagens que seriam enviadas para Minas Gerais, teremos de admitir que tinha uma enorme capacidade e uma grande rapidez de execução. Ora, portanto, não será de admirar que possa ter trabalhado para outras igrejas da arquidiocese de Braga, e não só. Aliás, a sua primeira obra conhecida localiza-se justamente fora de Braga, no Convento de S. Bento da Vitória, no Porto.

São mais as dúvidas que as certezas que aqui trazemos. Do ponto de vista documental, só muito dificilmente serão encontradas novas pistas em Braga. Torna-se agora necessário passar para o terreno, tentar encontrar as imagens que sabemos terem saído da sua mão e que por ora temos de considerar perdidas, para poderem ser comparadas com as que ora se conhecem. Só assim poderemos avançar no conhecimento deste grande mestre e, também, honrar o trabalho pioneiro de Robert Smith.

²⁷ CAPELA, 2002, p. 304.

²⁸ VELOSO, Manuel de Oliveira – *Guia da Igreja do Pópulo*. [Braga, s/c], pp. 62-63.



Foto 1. Braga. Igreja do Carmo. S. Ângelo



Foto 2. Braga. Igreja do Pópulo. S. Nicolau



Foto 3. Braga. Asilo D. Pedro V (sala das sessões).
Anjo tocheiro



Foto 4. Braga. Igreja do Carmo.

